



## ESTADO DA ARTE, O QUE É ISSO AFINAL?

Drielle Lúcia Gomes da Silva Ribeiro, Regina Celi Alvarenga de Moura Castro

*Universidade Federal do Pará- Campus Universitário de Altamira - drijadlui@gmail.com*  
*Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Altamira - reginacastro@ufpa.br*

**Resumo:** Nesse artigo, é apresentado o resultado parcial de uma investigação de abordagem qualitativa sobre a pesquisa o Estado da Arte que vem sendo utilizada no Brasil desde a década de 1980, realizada durante minha formação docente. O objetivo é identificar como tem sido concebido esse tipo de pesquisa por autores brasileiros e quais valorações eles lhe conferem para a produção do conhecimento científico no âmbito da produção teórica brasileira. A pesquisa, foi realizada a partir de uma revisão de literatura de artigos localizados nos sites Google Acadêmico e Sciello e no Banco de Dados da Capes sendo utilizado o termo de busca “Estado da Arte”. Concluiu-se que essa pesquisa vem sendo utilizada no Brasil em um processo ascendente, mas é ainda incipiente, principalmente na área educacional. Esse fator pode estar relacionado ao desconhecimento de muitos educadores e estudantes sobre esse tipo de pesquisa ou sobre como realizá-la. Contudo, ainda que pouco utilizada é reconhecida como um tipo de investigação importante para a área da pesquisa de maneira geral, uma vez que ao se propor a realizá-la o investigador discute e analisa a produção teórica acumulada de determinada área do conhecimento, constituindo-se assim, como rica fonte de consulta para outros pesquisadores.

**Palavras-Chave:** Pesquisa bibliográfica, estado da arte, produção do conhecimento.

### Introdução

Esse artigo é resultado parcial de um estudo realizado na graduação, no curso de licenciatura em Pedagogia sobre a pesquisa o Estado da Arte, que vem sendo utilizada no Brasil desde meados da década de 1980.

O interesse em pesquisar sobre o Estado da Arte surgiu a partir da constatação de que muitos professores e estudantes de cursos de licenciatura da Universidade Federal do Pará, *Campus* de Altamira, onde sou licencianda em Pedagogia, desconheciam esse tipo de pesquisa ou se conheciam não tinham esclarecimento sobre seus pressupostos teóricos e metodológicos, atribuindo a ela o *status* de uma pesquisa exploratória, utilizada por exemplo para fazer aproximação com o objeto de estudo de suas pesquisas.

A esse respeito Laranjeira (2003) diz que muitos pesquisadores “[...] remetem a concepção do Estado da Arte para uma pesquisa teórica, de análise do simples acervo bibliográfico que se tenha formado em torno da realidade concreta, e não para uma pesquisa de apreciação desta” (LARANJEIRA, 2003, p. 3).

A incompreensão e as dúvidas que giram em torno desse tipo de pesquisa está expresso no título desse artigo *Estado da Arte, o que é isso afinal?* A partir desse questionamento tivemos como objetivo desvelar como tem sido interpretado o Estado da Arte por autores



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

brasileiros e quais valorações eles lhe conferem para a produção do conhecimento científico brasileiro.

Dessa forma justifica a pertinência dessa pesquisa, uma vez a discussão aqui proposta que pode vir a contribuir para ampliar a discussão sobre esse tipo de pesquisa, revelando o *status* que tem ocupado no âmbito da produção teórica brasileira, suas lacunas, possibilidades e limitações.

### **Metodologia**

A pesquisa de abordagem qualitativa, foi realizada a partir de revisão de literatura de artigos localizados nos sites Google Acadêmico e Scielo e no Banco de Dados da Capes sendo utilizado o termo de busca “Estado da Arte”. Não foi estabelecido recorte temporal para inclusão dos artigos no *corpus* analítico, uma vez que tínhamos a intenção de identificar a trajetória dessa pesquisa na discussão teórica brasileira.

Os artigos localizados foram fichados com o objetivo de identificar as seguintes categorias de análise: conceituação, caracterização, finalidade e limitações.

### **Resultados e Discussão**

A necessidade de realizar análises sobre os conhecimentos resultantes de pesquisas brasileiras já havia sido indicada no “1º Seminário Didática em Questão”, ocorrido no Rio de Janeiro em 1982, contudo não era atribuído um nome específico às pesquisas, resultado dessas análises.

Brandão (1986) constatou que em meados da década de 1980 a terminologia Estado da Arte não era muito conhecida pelos pesquisadores brasileiros, sendo esse tipo de investigação mais comum nessa década na produção teórica americana. “Apesar de ser uma prática tradicional nos países desenvolvidos” (ALVES MAZZOTTI, 2002, p. 54), a autora indicava serem poucas as revisões produzidas no Brasil no início do século XXI se constituíam como Estado da Arte. Em nosso meio fora incorporada de forma abrupta, explica Laranjeira (2003), recebendo o nome de Estado da Arte que é uma tradução literal do inglês (*tate of the art*), que significa diagnóstico de algo, sem contudo, haver conhecimento aprofundado de quais eram seus pressupostos metodológicos.

Uma década após o início da utilização do Estado da Arte no Brasil, Soares (1999) avaliava que essas pesquisas, apesar de recentes no âmbito da produção teórica brasileira, já despontavam pela sua importância:

[...] são, sem dúvida, de grande importância, pois pesquisas desse tipo podem conduzir à plena compreensão ou totalidade do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema - sua amplitude, tendências teóricas, vertentes metodológicas (SOARES, 1999, p. 4 ).



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Atualmente a utilização do Estado da Arte ainda é incipiente no âmbito da pesquisa brasileira, inclusive na área de Pesquisa Educacional. Contudo, vai consolidando sua importância na medida em que vem sendo utilizada, em um percurso de mais de quatro

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

décadas, durante o qual foi sendo adaptada e interpretada por diversos pesquisadores de acordo com suas questões investigativas e adquirindo nomenclaturas diferentes, dentre elas, Estado da Arte ou Estado do Conhecimento, tidas muitas vezes como semelhantes (SOARES, 1989; MEGID, 1999; FERREIRA, 1999, 2002; ANDRÉ, 2002; ROMANOWSKI, 2002), e ainda Mapeamento, Tendências, Panorama (PILÃO, 2009, p. 45). Há ainda indicação de Nóbrega-Therrien; Therrien, (2004, p. 8) de que é também lhe é atribuído “o nome Estado em Questão”.

Mesmo que alguns autores não reconheçam o termo Estado do Conhecimento, como sinônimo de Estado da Arte, Vosgerau e Romanowski (2014, p. 172) afirmam que um Estado do Conhecimento, “não se restringe a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas”, ou mesmo “examinar as contribuições das pesquisas, na perspectiva da definição da área, do campo e das disciplinas que o constituem, avaliação do acumulado da área, apontando as necessidades de melhoria do estatuto teórico metodológico, e mesmo as tendências de investigação” (VOSGERAU; ROMANOWSKI; 2014 p. 167), entendendo que as duas terminologias dizem respeito ao mesmo tipo de pesquisa.

Em relação aos demais termos indicados para nomear o Estado da Arte, não encontramos na literatura contestações ou autores que corroborem com essas titulações.

Contudo, Vosgerau e Romanowski (2014) alertam que apesar da existência de diversas nomenclaturas para o mesmo tipo de estudo, ressaltam que cada que cada tipo de estudo pode possuir finalidades específicas, sendo por isso necessário ao pesquisador ser claro qual o objetivo do estudo que pretende realizar.

### **Definições e abrangência do Estado da Arte na produção teórica brasileira**

Um dos primeiros autores a definir Estado da Arte no Brasil foi Brandão (1986) e indicou que pode “constituir-se em levantamentos do que se conhece sobre determinada área, desenvolvimento de protótipos, de análises de pesquisas ou avaliação da situação da produção do conhecimento da área focalizada”.

Messina (1998, p. 1) definiu-a como “um mapa que nos permite continuar caminhando” a sua definição indica as possibilidades que o Estado da Arte permite ao pesquisador de organizar de maneira inteligível, sistematizado e contínuo “discursos que em um primeiro exame se apresentam descontínuos e contraditórios. Em um estado da arte está presente a possibilidade de contribuir com a teoria e prática do que está se pesquisando” (MESSINA, 1998, p. 1).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Soares em 1999 indicava que o Estado da Arte é um estudo bibliográfico de caráter inventariante que pode servir de fomento para a realização das produções que buscam preencher lacunas detectadas no campo de conhecimento em questão, tendo a finalidade de “[...] inventariar e sistematizar a produção em determinada área do conhecimento” (SOARES, 1999, p. 4). Rocha (1999) esclarece o campo de abrangência do Estado da Arte ao explicar que a partir desse tipo de pesquisa, pode-se também, estabelecer relação com produções anteriores, identificando temáticas recorrentes e apontando novas perspectivas, consolidando uma área de conhecimento.

Soares e Maciel (2000, p. 4) ainda esclarecem que esses estudos são necessários “no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos”, podendo também “verificar, na multiplicidade e pluralidade de enfoques e perspectivas, indicativos para esclarecer e resolver as problemáticas históricas, como no caso do fracasso da escola na alfabetização”.

Ferreira (2002) definiu Estado da Arte aproximando a conceituação a que Soares já havia proposto, como sendo estudos bibliográficos de caráter inventariante, indicando ainda que além de mapear produções teóricas de determinada área do conhecimento tem o objetivo de

[...] discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas (FERREIRA, 2002, p. 258).

A autora esclarece que deve-se realizar esse tipo de pesquisa a partir de banco de dados diferentes como “[...] teses de doutorado, de mestrado, artigos publicados em periódicos e comunicação em anais de eventos, congressos e seminários” (FERREIRA, 2002, p. 258).

Nesse mesmo sentido, Romanowski e Ens (2006, p. 39). entendem que as pesquisas do tipo Estado da Arte “apontam caminhos que vem sendo tomados e aspectos que são abordados em detrimento a outros pois procuram identificar aportes significativos da construção da teoria e práticas pedagógicas.” E ainda complementam:

Embora recentes, os estudos de “estado da arte” que objetivam a sistematização da produção numa determinada área do conhecimento já se tornaram imprescindíveis para apreender a amplitude do que vem sendo produzido. Os estudos realizados a partir de uma sistematização de dados, denominada “estado da arte”, recebem esta denominação quando abrangem toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções (ROMANOWSKI,ENS, 2006, p.39).

Portanto “Esses estados da arte realizam um balanço das respectivas áreas do conhecimento, com a finalidade de diagnosticar temas relevantes, emergentes e recorrentes,



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

indicar os tipos de pesquisa, organizar as informações existentes bem como localizar as lacunas existentes” concluem Romanowski e Ens (2006, p.41), “favorecendo a organização que mostre a integração e a configuração emergentes, as diferentes perspectivas investigadas, os estudos recorrentes, as lacunas e as contradições” (VOSGERAU; ROMANOWSKI; 2014, p. 168).

Ainda que tenhamos definições distintas no Brasil para as pesquisas denominadas Estado da Arte, essas definições expressam a essência desse tipo de pesquisa, sua finalidade e Seus objetivos.

### **Critérios metodológicos para elaboração do Estado da Arte**

Uma das questões que mais dificultam pesquisadores iniciantes e até pesquisadores já com um certo tempo de experiência, mas que habitualmente não se utilizam do Estado da Arte, é compreender suas especificidades, quais são os critérios metodológicos, a serem utilizados, quais os caminhos a serem seguidos, qual a forma mais adequada para a coleta e análise dos dados. Essa falta de definição quanto à “forma de fazer” causa apreensão e certa desconfiança no meio científico sobre esse tipo de pesquisa.

Entretanto, alguns caminhos têm sido indicados por autores, como Soares (2000), que esclarece que para elaborar um Estado da Arte é necessário considerar “categorias que identifiquem, em cada texto, e no conjunto deles as facetas sobre as quais o fenômeno vem sendo analisado” (SOARES 2000, p. 04). Para isso, Romanowski e Ens (2006) salientam que é preciso

primeiro definir os descritores para direcionar a busca das informações; localizar os bancos de pesquisas (artigos, teses, acervos etc.); estabelecer critérios para a seleção do material que comporá o *corpus* do estudo; coletar material de pesquisa; como também leitura das produções, com elaboração de sínteses preliminares; para organizar relatórios envolvendo as sínteses e destacando tendências do tema abordado; e assim analisar e elaborar as conclusões preliminares. (ROMANOWSKI e ENS, 2006, p.785 - 786).

Vosgeraue e Romanowski (2014) indicam que para a análise dos dados, a propósito do que é observado em outros tipos de pesquisas qualitativas, são utilizados diferentes recursos e técnicas

[...] como o uso do editor de planilhas Excel, que seria o recurso comumente utilizado, tanto na etapa de coleta e seleção do material quanto na análise, por meio da criação de colunas nas quais são copiadas os extratos do texto analisado que contém a referência ao indicador analisado, [...] a utilização do *software* Atlas. ti, aplicando a técnica de análise de conteúdo [...]. No que se refere à apresentação dos resultados é usual a forma textual, com gráficos que ilustram e comprovam os quantitativos obtidos. Em alguns trabalhos as análises são efetuadas com recursos da estatística descritiva (VOSGERAUE ROMANOWSKI, 2014, 173).

Ainda que haja algumas indicações de “como fazer”, entendemos que são insuficientes para desmistificar o Estado da Arte como uma forma indefinida de se fazer pesquisa.



Palanch (2015), por exemplo, salienta que a dificuldade em conseguir realizar uma pesquisa exclusiva em formato de Estado da Arte, é falta de clareza dos resumos catalográficos, como dos catálogos de faculdades, institutos, universidades, associações nacionais e órgãos de fomento da pesquisa.

Esses resumos se constituem como fonte básica de referência para muitos pesquisadores realizarem o levantamento dos dados e suas análises, explica Ferreira (2002) que alerta para a cautela que se deve ter ao adotar a leitura de resumos de trabalhos científicos com o objetivo de identificar sua pertinência para composição de banco de dados, pois “[os resumos] não são padronizados e seguem as normas das instituições para as quais foram produzidos” (FERREIRA, 2002, p. 96), podendo muitas vezes suprimir informações importantes ao pesquisador.

É possível afirmar, com o exposto nesse artigo, que ainda prevalece, na literatura brasileira, falta clareza em relação aos procedimentos metodológicos para a coleta e análise dos dados para a realização do Estado da Arte. Essa lacuna, nos indicou ser esse o próximo passo, para continuidade da pesquisa, da qual esse artigo é constitutivo: buscar maior compreensão de qual o caminho mais eficaz para a produção do Estado da Arte.

### **Conclusão**

A pesquisa Estado da Arte vem sendo utilizada no Brasil em um processo ascendente, mas ainda de maneira tímida, principalmente na área educacional, porém já com maior frequência do que quando foram realizados os primeiros estudos na década de 1980 utilizando esse tipo de pesquisa.

A baixa frequência de utilização do Estado da Arte, pode estar relacionado com o desconhecimento por parte de educadores e estudantes sobre essa pesquisa ou sobre um entendimento de como realizá-la. Há indícios de que pelo o fato de ser uma pesquisa somente bibliográfica não seja muito valorizada no meio acadêmico.

Na literatura brasileira não foi identificado nenhum livro específico sobre o Estado da Arte, a propósito do que ocorre com outros tipos de pesquisa. Em livros de Metodologia da Pesquisa consultados, nos capítulos que se referem a tipos de pesquisa, é indicada a pesquisa bibliográfica, mas poucos fazem menção específica ao Estado da Arte, sinalizando uma lacuna nas produções teóricas sobre tipologias de pesquisa.

Uma das críticas mais contundentes a esse tipo de pesquisa é não haver uma definição clara de seus pressupostos metodológicos em relação à coleta e análise dos dados, causando dificuldades



para quem vai utilizá-la, indicando que precisa haver uma sistematização sobre seus aspectos técnicos, teóricos e metodológicos.

Concluimos que o Estado da Arte é importante para a área da pesquisa de maneira geral, porque abarca consigo a análise e resultados de várias pesquisas de determinada área do conhecimento, constituindo-se assim, como rica fonte de consulta para outros pesquisadores, quando feita com rigor.

Esse é um campo do conhecimento que precisa ser mais investigado, as lacunas relacionadas à sua (in) definição e sobre seus aspectos metodológicos, indicam que esse é um campo fecundo para novas pesquisas.

## Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda. Judith A “revisão bibliográfica” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria (Orgs.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

BRANDÃO, Zaia; BAETA, Anna Maria Bianchini; ROCHA, Any Dutra Coelho. **Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Dois Pontos, 1986.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As Pesquisas denominadas “Estado da Arte”**. Educação & Sociedade, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 258, ago. 2002. Acesso em 05 maio. 2016.

LARANJEIRA, Raymundo. Estado da Arte do direito agrário no Brasil. **Anais do XI Seminário Internacional do direito agrário**. Associação Brasileira de direito agrário. Maranhão, 2003.

MEGID, Jorge Neto. **Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de ciências no nível fundamental**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 1999.

MESSINA, Graciela. Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa. Organización de Estados IberoAmericanos para La Educación, La Ciencia y La Cultura. In: **Reunión de consulta técnica sobre investigación en formación del profesorado**. México, 1998.

NÓBREGA-TERRIEN, S.; TERRIEN, J. **O estado da questão: sua compreensão na construção de trabalhos científicos: reflexões teórico-metodológicas**. Estudos em Avaliação Educacional, v. 15, n. 30, p. 5-16, jul./dez. 2004.

PALANCH, Wagner Barbosa de Lima; FREITAS, Adriano Vargas. **Estado da Arte como método de trabalho científico na área de Educação Matemática: possibilidades e limitações**. Perspectivas da Educação Matemática – UFMS – v. 8, número temático – 2015



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

PILLÃO, Delma. **A pesquisa no âmbito das relações didáticas entre matemática e música: Estado da Arte**. 2009. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROCHA, Eloisa. Acires. Candal. **A pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia da educação infantil**. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 1999.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As Pesquisas Denominadas do Tipo "Estado da Arte" Em Educação**. Revista Diálogo Educacional, vol. 6, núm. 19, setembro-dezembro, 2006, p. 37-50. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil.

SOARES, Magda Beata. **Alfabetização no Brasil: o Estado do Conhecimento**. Brasília: INEP/Santiago: **Reduc**, 1989.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca: **Alfabetização / Organização**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000.

VOSGERAU, Dimeire. Sant'Anna. Ramos.; ROMANOWSKI, Joana Paulin..**Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas**, Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014